



PARTE 3
DEPOIMENTOS

Página anterior: SAGARANA – 1946-1971. Desenho de Poty especialmente feito para a edição comemorativa do jubileu de prata.

NAS TRILHAS DE ROSA

TRAVESSIA DO RIO PERIGOSO

*Aleilton Fonseca**

RESUMO

Neste texto, o autor revela sua formação cultural e literária, refletindo sobre as relações de sua narrativa com a obra do escritor Guimarães Rosa. Ele desenvolve um processo consciente de intertextualidade, em que utiliza elementos do universo e da linguagem de Rosa como fontes e referências diretas e indiretas para a criação de novos textos. Seu objetivo é representar novos aspectos da vida e da cultura do sertão, a partir de referências do grande escritor brasileiro. Este diálogo transforma a criação literária em jogo intertextual, confirmando a vitalidade dos temas da obra de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: Narrativa; Criação literária; Intertextualidade.

Nhô Guimarães era de um olhar buliçoso como água de rio abeirando as pedras. Se me lembro, arre que sim! Ele se foi, de perto a longe, que destino de rio é viajar. Uma pessoa nasce nessas lonjuras de lugarejo, ganha os Gerais, levanta as poeiras, abraça o mundo, pelos seus viajares. Toda estrada é começo e fim. Uns que chegam, socam raízes; outros principiam o caminhar. Por aqui ele passava, muitamente voltando, apreciava o valor dos retornos. Era o bom filho de Vista Alegre, lugar cidade de seu coração. Nome antigo, onde aprendeu a andar pelos ermos, sabendo avistar as alegrias. Seus olhos ficavam cheios de morros e vargens, fios d'água alisando pedras, de noite pescavam estrelas. O senhor experimente: não só enxergue as moitas e pés de pau; aprenda a ver com os olhos da alma: as bonitezas do mundo ficam para sempre no olhar da pessoa. Ele falava com a voz de dentro de si, que deixava a gente abismada de encanto. Ele dizia como era a Gruta do Maquiné, nos seus olhos de antigo menino olhador de tudo: que era um lugar de declarada boniteza, de muito se ver e lembrar para sempre. "A natureza sabe ser bonita", ele confirmava, "olhem tudo isso ao redor, é de vocês, tudo pertence aos olhos". A gente olhava, pronto: não era mais só aquilo que se via antes; ficava mais formoso pelo falar que ele sabia. E sua cidade? A gente queria ouvir mais

* Universidade Estadual de Feira de Santana. Autor de *Enredo romântico, música ao fundo* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 1996); *Jaú dos bois e outros contos* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997); *O desterro dos mortos* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001). Recebeu o Prêmio Nacional Herberto Sales – contos 2001.

belezas. Nhô Guimarães sorria de leve, olhos iluminando, olhava lá para fora, buscando seu lugar ali perto, para além das colinas. Então em vez de encompridar a prosa, se restava caladamente, mas satisfeito, naquele seu olhar longe da pergunta, parecia que viajando, como era mesmo sua viagem. A gente indagava: como se chega lá? Ele se concentrava, como se ia contar um segredo: falava, com pausa, olhos sorridentes, daquele jeito manso, como um gato na manha de agradecer, dizendo. “Ah, é perto e longe, depende da viagem. Vai de trem, vai a cavalo, como quiser se aventurar. Da Gruta do Maquiné para lá, vai pra menos de algumas léguas, umas horas de boa caminhada, abeirando montanhas, vales e colinas, cheirando o ar puro, com aquele frescor de perfume dos matos, vai indo até que avista uma dobra do morro, lá fica minha cidadezinha, um lugar que parece enfeitado, de poucas moradas, ruazinhas quietas, gente hospitaleira. Nunca vi, como ali, chuvadas mais fortes nem mais belas. De noite, o céu mostra milhões de estrelas, nunca vi coisa igual em nenhum lugar.” Ele contava esses certos aos curiosos de saberem suas origens. Nhô Guimarães tinha muito gosto de falar essas palavras, observando a gente boquiaberta, só para saber e guardar.

Que menino tinha sido esse Nhô Guimarães, capaz de usar bodoques, caçar preás, pegar passarinho? Mas qual! Nem queira nisso pensar: Em menino fazia brincadeiras ajuizadas, sem perigo de cometer bobagem. Armava alçapão para pegar sanhaço, era bom: mas depois soltava o bicho, apreciando o vôo renovado entre os galhos das plantas. Era sabido em inventar brinquedos para meninos quietos. Um fio d’água virava ribeirão, um chãozinho virava cidade. Assim inventava um sertão. (Trecho do romance *Nhô Guimarães: estórias gerais* [inédito])

A literatura me tocou muito cedo. Eu nem sabia que aquilo era “literatura”. Para mim eram histórias e versos que se liam, se contavam ou se cantavam, só para alegrar, emocionar ou entristecer. Nasci num lugarzinho do interior baiano, uma manchinha de casas escondida entre roças de gado e cacau. Era um dia chuvoso, terça-feira, 21 de julho de 1959. Meu pai foi buscar a parteira montado a cavalo, atravessando rios e fazendas. Naquela época, o lugar era apenas a vila de Itimirim (nome tupi, que quer dizer pedra pequena). E nasci mais além, longe, na Fazenda Gavião. Essa origem me deu um universo rico em oralidade, onde prosear, contar causos e fatos vividos, com graça e senso de interpretação, era parte da vida. Assim apreendi as coisas deste mundo: fatos, aventuras, caçadas, lutas, crimes, heroísmos, – e também do outro mundo: estórias de caipora, lobisomem, assombração, milagres.

Da infância guardo certas imagens: boiada passando, casa-de-farinha, gente cultivando roçado, uma carreira de vaca brava, tropel de cavalo, as estradas sumindo no mato, as inesquecíveis estórias de vô. A minha avó Anália, hoje com mais de 80 anos de idade, e a minha mãe, D. Lurdes, 62 anos, me contavam estórias que, às vezes, me tiravam o sono, ao invés de ninar. Mais adiante, na escola primária, enquanto descobria os clássicos infanto-juvenis na biblioteca, em casa havia um baú de folhetos de cordel, onde conheci o universo das estórias do sertão – o imaginário da tra-

dição popular. Era maravilhoso, acendia a imaginação, dava vontade de esticar, recontar, inventar a mesma história. Eu recontava tudo a amigos de infância e aos irmãos mais novos. Há pouco, usava esse saber para ninar os filhos: criei uma verdadeira saga oral do Reino de Shanshum – cujo herói que defendia o povo de um grande perigo, a cada noite, era nada menos do que “João Sem-medo e seu cavalo Valentia”. E curioso que isso se dava nas frias noites paulistanas, quando lá residimos, de 1993 a 1995. Oralidades – histórias, imaginação – essa forma outra de se manter são e resistir ao mundo moderno em que o narrador clássico – viajante ou sedentário, conforme Walter Benjamin – é banido ou silenciado por falta de quem o queira ouvir! Ao menos, tenhamos quem nos queira ler!

Até hoje, quando minha avó, minha mãe e eu nos encontramos, contamos e recontamos histórias, causos, situações, transformando o vivido e o observado em narrativas nossas, para nossas lembranças e risadas mansas. Minha avó continua achando que essas coisas existem mesmo. Eu sei que existem – só no imaginário – e o que existe no imaginário é também real na cultura. Já meus filhos, esses apenas riem dessas meras estórias. É assim – de real a simbólico e daí a alegoria – a transformação dos sentidos. Cada qual com suas crenças, que todos têm suas razões.

Vivi essas experiências. Depois viajei para cidades longes; cresci, estudei, li muitos livros. Aprendi o mundo. Mas as imagens *inhas* continuam prosando comigo. Isso é um modo de inventar o existido que não se quer apartar da gente. Antes, chegando à cidade grande, de primeiro quis ficar nos conformes, urbano e letrado. Calei minhas origens. Mas, em minha trajetória, na cidade grande me formei – ou melhor, me reformei – e, assim, esqueci linguagens, crenças, refiz o imaginário – resituei-me no mundo. Mas, dentro de mim, os dois sempre universos convivem e, muitas vezes, o velho ser interiorano aflora numa frase, num gesto ou outro, num desvio da gramática, num sobressalto, numa lembrança, numa saudade de grilos e matos verdes.

A literatura me atraía para maior convivência. Eu me vi cursando Letras – o inusitado para família, amigos e professores do curso de Agrimensura, que acabara de concluir, em Uruçuca, cujo diploma até hoje faço questão de não ir buscar. E foi somente no curso de Letras que conheci a narrativa rosiana. Então li as **Primeiras estórias** de Guimarães Rosa... e foi um deslumbramento! Porque o universo do qual eu buscava me afastar me retomava inteiro: eu sabia de oitiva o que ia lendo... sabia Nhininhas, terceiras margens, valentões Dagobé... Segui o curso da vida e danei a contar estórias, conforme as leituras, as vivências e a imaginação. Eu me sinto atraído por essas águas, porque elas regam minhas primeiras experiências no mundo.

Ao escrever, me sinto por essas veredas, fico em alerta. Sei que essa aproximação de temas, de linguagem, de ambiência é uma operação delicada, perigosa, traiçoeira nos dois sentidos. É um rio belo e perigoso. O desafio é sair do mergulho

sem se afogar, bebendo em suas águas, mas na justa medida. Trata-se de um retorno às fontes e imaginário sertanejos, pelas trilhas paralelas, paradigmáticas – onde há, para cada história contada, várias versões ocultas. Portanto, é uma aproximação paradoxalmente distanciada, de modo a evitar as demasias, não vestir o gibão de Rosa, que só a ele lhe pertence por invenção particular e estatuto canônico. Mas, ao largo, nas vizinhanças, nos arredores de seu sertão – voltar à fonte primordial – onde ele bebeu e generosamente cavou poços de sentidos, inesgotáveis. Reabraçar o sertão em estado de matéria-prima, de onde ele partiu – e nós também temos o direito de partir. Rosa é precursor tão grande, que se nos prendêssemos a hierarquias e sagrações extinguiríamos o assunto sertão por ser dele privativo. O sertão literário e simbólico – é antes e depois de Guimarães Rosa – mas, como feixe de possibilidades, entroncamento de veredas, é um assunto a ser continuamente revisitado.

Escritores novos talvez devam ter a cautela de não se expor a uma relação tão desvantajosa, abrindo o peito a críticos que muitas vezes repelem o diálogo textual – o jogo de intertextualidades explícitas – acusando-o de ser escrita menor. Na verdade, esse diálogo já se incorporou à práxis literária contemporânea, respaldado pelas teorias das intertextualidades. São enriquecedoras para os processos da literatura, pois atestam, no plano da criação e recriação, a permanência e a vitalidade de obras seminais – capazes de desdobramentos que as estendem à contemporaneidade – estabelecendo e revigorando gêneros e linhagens.

Ora, num momento em que a literatura é essencialmente urbana – voltada a representar os dramas de personagens imersas no caos das metrópoles – emparedados em espaços minúsculos, presos em seus muros, congestionados nas avenidas e vielas, expostos às neuroses urbanas, à violência, à desintegração da personalidade, aos desencontros interpessoais – é preciso notar que um vasto país existe também na dimensão interiorana – às vezes ainda rural – que ainda há o sertão – não só o físico, mas o sertão simbólico, existencial – com o seu rico imaginário, ainda que diluído ou desterrado, em diásporas sertanejas espalhadas pelas metrópoles, com suas imagens recalcadas, seus valores em desuso e sem transmissão renovadora. Essa fonte pode ser revisitada, vivencial e esteticamente – no plano simbólico – através da arte, como, aliás, muitos artistas vêm fazendo, embora em escuras ribaltas. Sempre haverá parceiros para esse diálogo.

De Rosa e sua narrativa, era de precaução manter-me distante. Mas as minhas motivações de origem me ligam tão afetivamente à ambiência interiorana, tanto quanto a minha sensibilidade urbana adquirida na maturidade, através da qual também escrevo o meu ser-e-estar na cidade. Residente na cidade grande, professor de Letras, na verdade transito num entre-lugar. Já não sou genuinamente um ser interiorano, nem sou integralmente um ser urbano. Não me desvinculo de minhas raízes nem das minhas fontes orais primeiras, assim como não posso abrir mão das mi-

nhas fontes escritas posteriores. Não posso refrear o impulso de escrever sobre personagens simples, ligadas à experiência da terra, do cultivo, da criação, numa sociabilidade tipicamente popular e sertaneja. Um universo de ricas interações pessoais, compadrios, vizinhanças afetivamente próximas – o que não é a tônica da vida urbana, evidentemente. Há valores que a urbe desconhece ou destruiu, mas que continuam vivos no interior, não como sinais de atraso, mas como marcas de identidade. Valores, procedimentos, imaginários que encerram lições, não como verdades que engessem a realidade e repilam o progresso, mas como elementos que podem oferecer possibilidades de novas vivências e convivências do urbano, assim como o urbano modifica e impõe novas vivências rurais. Sinto necessidade de interpretar e dar voz a esses seres, sabendo-os necessariamente adaptados aos sinais urbanos que chegam cada vez mais intensamente a todos os rincões, através das estradas, dos fios, das parabólicas e das ondas magnéticas. Eis a nova profecia: o sertão vai virar cidade, a cidade vai virar sertão.

Eu tenho lágrimas à flor dos olhos. Nas minhas leituras e na minha escrita, eu dou passagem a esse rio: aceito a dor e o gozo da emoção. Nhô Guimarães me fascina, porque reinventa a linguagem e os enredos para revelar a alma sertaneja. Suas histórias são únicas, sem igual, não se podem imitar... Mas oferecem trilhas e atalhos que podem e devem ser transitados. Eu acampo nos seus Gerais, ali medito, pico as teclas pelas veredas, margeando os seus paradigmas. Ali aprendo e desaprendo, abraço e recuso, atravesso um rio perigoso. Tantas estórias ocultas, *entre-vistas*, texto entre texto, sem porteiras. Tudo que ele plantou é nosso, pois cabe à planta dar semente, renascer, refrutificar.

ABSTRACT

The present essay discloses the author's cultural and literary formation, considering the relations between his own narrative and the work of Guimarães Rosa. He develops a conscious process of intertextuality, in which he uses elements of Rosa's universe and language as sources and references for the creation of new texts. His objective is to represent new aspects of the life and culture of the Brazilian *sertão* (backlands). The dialogue turns literary creation into an intertextual game and confirms the vitality of the themes found in Rosa's work.

Keywords: Narrative; Literary creation; Intertextuality.